



A RESPOSTA DOS APRENDIZES À POÉTICA DE MANOEL DE BARROS

Dayane da Silva Grilo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (dayannynha2009@hotmail.com)

Alessandra Cardozo de Freitas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (alessandracardozof@yahoo.com.br)

Resumo: O trabalho resulta da pesquisa de dissertação de mestrado, em andamento, intitulada *Educação da Infância Pela Poesia de Manoel de Barros*, desenvolvida em uma turma do terceiro ano, dos anos iniciais do ensino fundamental. Abordamos como temática a formação de leitores de poesia. Nosso objeto de estudo é a recepção estética das crianças às narrativas poéticas de Manoel de Barros. Objetivamos analisar as respostas dadas pelos aprendizes do ponto de vista estético, poético e da educação da infância, tema recorrente na produção barreana. Teoricamente, consideramos os estudos sobre poesia a partir dos escritos de Aristóteles (2004), Paz (2014), Pound (2013); a criação de hipóteses de Bruner (1997); as metáforas de Lima (2006) e os estudos da estética da recepção de Jauss (2002) e Jimenez (2008). A pesquisa é de natureza qualitativa, com a prática da intervenção mediante a implementação de sessões de leituras. Os dados foram gravados em áudio e vídeo. Focalizamos duas sessões de leituras sobre o que é poesia; e a leitura e discussão dos poemas *Escova e Auto Retrato* de Barros (2008; 2009), conforme a sequência de etapas da metodologia por andaime (GREVES E GREVES, 1994). Os resultados parciais apontam que mediante a discussão por andaime, as crianças relacionam o texto lido com a vida, percebem a poesia, depreendem os sentidos das metáforas de um plano linguístico da denotação para a conotação, e a metodologia aplicada favorece a ampliação da compreensão leitora, assim como também a oralização daquilo que sentem e pensam os aprendizes.

Palavras-chave: Poesia, leitura, andaime.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como temática a formação de leitores de poesia, no qual focalizamos como objeto de estudo a recepção estética das crianças às narrativas poéticas de Manoel de Barros. Para desenvolvermos essa temática objetivamos analisar as respostas dadas pelos aprendizes do ponto de vista estético, poético e da educação da infância a leitura dos poemas *Escova e Auto Retrato*, de Barros (2008; 2009) e entender as suas concepções prévias sobre o conceito de poesia.

A decisão em investigar a recepção estética das crianças a poesia de Manoel de Barros, nasceu da problemática encontrada a partir de dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) com relação à **Avaliação Nacional de Alfabetização** (ANA), realizada no ano de 2014, que indicou que uma em cada cinco crianças de oito anos de idade, as quais cursam o terceiro ano do ensino fundamental, não dominam processos

satisfatórios de leitura, apresentando pouca ou nenhuma habilidade de fazer leitura inferencial de textos curtos tais como piadas, poemas e quadrinhos.

Neste sentido um dos motivos que justificam este estudo é o imperativo de investigarmos os processos de recepção de textos poéticos a partir do olhar da criança, com a presença de um mediador, a fim de propiciar a formação de uma cultura leitora, com base em uma educação da infância que considere aspectos importantes como a formação estética, poética e cognitiva do educando.

Outro motivo é que os dados da (ANA) são reveladores de um trabalho inconsistente com a leitura em sala de aula. Constatamos também que o livro didático destinado para o 3º ano do ensino fundamental não costuma contemplar a poesia de Manoel de Barros, privando os alunos de um contato sistemático com as obras desse poeta.

Aliado ao material didático, apontamentos recentes feitos nas pesquisas de Amarilha (2013) e Pinheiro (2007), revelam que muitas vezes os docentes não dão a devida importância ao planejamento e a mediação da atividade de leitura como uma ação indispensável para despertar nos aprendizes as competências de aprendizagem que o levem a ler, compreender e fruir esteticamente a leitura dos textos, em especial o texto literário.

A maioria de nossas professoras de primeira à quarta série se diz incompetente para trabalhar com a poesia. Os modelos que se tem são os livros didáticos que, em sua maioria, ficam na tradicional e questionável “interpretação de texto”, sem falar na qualidade discutível de inúmeros “poemas” copilados nessas obras. (PINHEIRO, 2007, p.19).

Há uma visão disseminada no meio escolar de que a literatura, como literatura, não tem valor pragmático, o que perturba de forma marcante o uso que dela se faz. Utiliza-se o texto literário para fazer exercícios de gramática, para enriquecer o vocabulário, para estímulo redacional, esquecendo-se ou ignorando-se que a leitura de literatura é *uma atividade produtora, receptiva e comunicativa em si*. (AMARILHA, 2013, p.78-79).

Nesta perspectiva a consideração do senso comum da inutilidade da literatura, vista apenas como meio para atividades de gramática e não como um fim em si mesmo, priva a muitos educadores de ver a leitura de literária como uma atividade criativa que leva o leitor a vivenciar uma experiência ficcional a partir da qual passa a ter algum conhecimento do mundo em um contexto seguro, entrelaçado pela verossimilhança. Neste sentido, Aristóteles é um dos primeiros e grandes filósofos a exaltar a função experiencial da poesia:

Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a mais tenra infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que



adquirem os primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações [...] Estando, pois, de acordo com a nossa natureza a imitação, a harmonia e o ritmo [...], desde tempos remotos aqueles que tinham propensão para estas coisas desenvolvendo pouco a pouco essa aptidão, criaram a poesia a partir de improvisos. (ARISTÓTELES, 2004, p. 42- 43).

A poesia já era observada desde Aristóteles (2004) com a função de propor uma realidade possível, levando o ouvinte ou leitor ao exercício da reflexão; estudos ainda do mesmo autor vão corroborar para a compreensão ampliada de que a poesia não é essencialmente um gênero como dela trata os livros didáticos na contemporaneidade. A poesia é em si um efeito estético voltado para a sensibilização do leitor, podendo ser encontrada em outras composições textuais que não sejam exatamente o gênero poema:

Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro do que sem ele; a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro fatos que podiam acontecer. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela anuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares. (ARISTÓTELES, 1988, p.28).

É na revelação da trama do texto literário, na construção do enredo ficcional e a consequente interação do leitor com o texto literário que a potência significativa da palavra desperta a poesia e um novo pensar. O leitor não deve procurar uma significação literal, para um signo em um poema mais sim outro significado, que comungue e explique este universo, ou crie algo novo sobre ele. No poema, a palavra está posta para além do signo, não tem por objetivo um significado previamente estabelecido. É a partir das realidades e experiência de mundo do poeta (autor) e do leitor que o significado se constrói. Em se tratando das construções poéticas não podemos considerar apenas os aspectos linguísticos e formais para a sua definição, mas antes a história, a ideologia, a vida, o som, a musicalidade e o sentimento que pulsa na palavra.

Se alguém quiser saber alguma coisa sobre poesia, deverá fazer uma das coisas ou ambas. É olhar para ela ou escutá-la. E, quem sabe, até mesmo pensar sobre ela. E se precisar de conselhos, deve dirigir-se a alguém que entenda alguma coisa a respeito dela. (POUND, 2013, p.37).

Em nossas pesquisas consideramos a poesia como um efeito da palavra que carregada de significados, têm para Ezra Pound (2013) três essências operantes em si que compõem e ampliam o seu significado, são elas: a fonopeia, a melopeia e, a logopeia.

Segundo Pound (2013), essa primeira essência da palavra, a fonopeia diz respeito ao atributo que uma palavra tem para lançar uma imagem virtual de mundo na mente do leitor e criar o seu micro ou macrocosmo, é um conceito que parte do sentido literal da palavra para alcançar a plenitude da significação pela metáfora; a melopeia, por sua vez, diz respeito à cadência sonora das



palavras que é alcançada pela combinação dos sons e a harmonização das suas letras. Por fim, a logopeia diz respeito à capacidade reflexiva que a palavra poética, que ainda não tem um significado emoldurado é capaz de despertar, este efeito corresponde às construções tanto metafóricas do poema como a reflexão crítica derivada da leitura do leitor.

Entendemos neste trabalho a metáfora como a figura de linguagem responsável por lançar no texto poético uma infinidade de significados que amplia o significado literal e aqueles culturalmente estabelecidos. Para Ezra Pound (2013, p. 52): “O termo significado não se pode restringir a significações estritamente culturais ou “puramente intelectuais”. O quanto você quer significar, o como você se sente por significá-lo, também podem ser introduzidos na linguagem”.

As experiências de leitura na modernidade vão mostrar que as metáforas não se constituem apenas como um mecanismo linguístico de substituição ou transferência de ideias, mas consiste em uma abertura de caminho para se perceber o semelhante no dessemelhante, tendo o poder de reescrever a realidade.

[...] a metáfora organiza e cria novos conhecimentos e significados [...] nos faz ver uma coisa como outra, fazendo algum tipo de afirmação literal que inspira o insight ou leva a ele [...] está, irremediavelmente, ligada a uma concepção de vida, a uma visão de mundo, a uma ideologia, a uma utopia. (LIMA, 2006, p. 56-57, grifos do autor).

Desta forma a linguagem exige um pensar, o qual exige do leitor o seu empenho em engendrar um sentido para o texto lido. O poeta Manoel de Barros ao trabalhar a palavra com uma projeção ampla de sentidos possíveis, de maneira inabitual e desautomatizada do contexto habitual do leitor oportuniza um momento de reflexão, de construção de representações e de ideias novas, que liberta autor e leitor do utilitarismo das suas relações com as palavras, as pessoas, as coisas, os seres vivos e não vivos ao seu redor.

É neste sentido que (Jauss, 1979, p.43) considera a linguagem literária como *produtora* porque permite ao leitor elaborar cognitivamente um sentido para o que ler completando cenários, dando vida aos personagens, energia vital as suas ações. É *receptiva* porque acolhe as significações que o leitor lhe atribui e por fim *comunicativa* porque prevendo a multiplicidade de mundos de cada leitor, o texto interage oferecendo e recebendo diferentes informações e significados.

Desta forma, entender como se dar o entrelaçamento do leitor com o texto poético e buscar respostas dos aprendizes que apontem caminhos para a superação dos baixos níveis de leitura é o caminho a se seguir se queremos uma educação pela leitura literária que possam gerar mudanças



críticas na percepção sobre o mundo factual e a própria linguagem.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa, desenvolvida em um colégio de aplicação da cidade de Natal, com alunos cursistas do terceiro ano do ensino fundamental I, nível que corresponde à última série do ciclo de alfabetização. As crianças em sua prática de aula já estavam habituadas a participarem de rodas de leitura, demonstrando um excelente desempenho nas atividades de discussão, porém no que diz respeito à leitura de poemas de Manoel de Barros eles demonstraram conhecer apenas o livro **O Menino que Carregava Água na Peneira**. Dados que nos indica já haver uma intimidade desses aprendizes com a atividade de leitura e discussão do texto literário.

A pesquisa seguiu quatro etapas fundantes, a primeira foi à submissão do projeto **Educação da Infância pela Poesia de Manoel de Barros**, ao Conselho de Ética do Hospital Universitário Onofre Lopes – HUOL/UFRN via plataforma Brasil. Depois seguimos para a etapa de observação *in loco* do ambiente escolar e das atividades realizadas na turma, momento este que serviu para a pesquisadora aproximar-se dos sujeitos participantes da pesquisa. A terceira etapa constituiu-se na fase de planejamento das sessões de leitura e depois tivemos a aplicação das sessões de leitura.

Toda a fase de execução contou com a aplicação de oito sessões de leitura, das quais destacamos para o presente trabalho a primeira sessão de leitura em que discutimos: *O que é a poesia?*; a segunda sessão de leitura com o título: *Leitura do poema Auto-Retrato* e a terceira sessão de leitura denominada: *Leitura do Poema Escova*. Os corpora ainda estão em fase de transcrição, e no presente trabalho demos destaques aos atos de fala que contribuem para a compreensão da importância da leitura de poesia na escola como instrumento de formação de novos leitores.

O planejamento das sessões de leitura teve por fundamento os protocolos de leitura por andaime de (GRAVES e GRAVES, 1995), que tem como teoria base as descrições do psicólogo estadunidense Jerome Bruner (1998). Segundo o autor o andaime se refere à assistência visível ou audível que um leitor mais experiente presta a um aprendiz, a discussão da leitura dos textos geram novas possibilidades de interpretação para um enunciado por meio do processo dialético entre autor, texto, leitor e o mediador.

Nos protocolos de leitura por andaime para que haja sucesso nos eventos de leitura devem



ser consideradas duas grandes fases, a saber: 1) fase de planejamento; e, 2) fase de implementação da atividade de leitura, que se desdobra em três atividades primordiais: a pré-leitura, a leitura e a pós-leitura.

Na fase de planejamento foram consideradas as necessidades, interesses e conhecimentos prévios dos alunos. Na fase de execução das sessões de leitura, a pesquisadora mediadora conduziu os alunos a criar estratégias de raciocínio e depreensão semânticas da leitura lançando perguntas aos aprendizes. Consideremos as etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

A atividade de pré-leitura consistiu em: 1) Criar a partir do título do texto hipóteses dos assuntos sobre os quais os textos abordarão; 2) lembrar aos alunos outros textos, que eles já leram, ou ouviram, ou mesmo informações outras que eles já conhecem sobre o tema; 3) pré-ensino vocabular e de conceitos a serem tratados no texto; 4) pré-questionamentos, previsões sobre os eventos que ocorrerão no texto, foi esta uma fase de ativação de conhecimentos prévios.

Depois da primeira etapa seguiram-se a atividade de leitura que conteve: 1) a leitura pela professora mediadora; 2) reensino vocabular; 3) discussão dos pontos de vista apresentados pelo eu-lírico do poema e a análise crítica do leitor, que foi motivado a julgar o texto fazendo uma relação do texto com a vida.

Como atividade de pós-leitura, na primeira sessão de leitura os alunos foram encorajados a criarem os seus próprios versos ou lembrarem algum verso de músicas ou poesias que já conhecessem para compartilharem com os demais colegas da turma seus conhecimentos prévios sobre o gênero. No segundo encontro, em que lemos o poema *Auto-retrato*, os alunos construíram coletivamente um poema em que retrataram a sua própria turma. No terceiro encontro a atividade de pós-leitura foi à feitura de um desenho que para eles representasse a escova poética, da qual fala Manoel de Barros. Quanto à análise dos dados obtido na etapa exploratória e de intervenção, estes foram avaliados considerando-se uma abordagem metodológica qualitativa.

A pesquisa do tipo qualitativa, contemplando a descrição feita no livro **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas** (Lüdke; André, 1986), é um tipo de abordagem que envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação do grupo em estudo, a preocupação com o processo é maior do que com o produto final e o significado que os participantes dão aos eventos dos quais participaram são focalizados. Julgamos que esse tipo de abordagem permitiu uma avaliação de toda as etapas da pesquisa, desde o seu planejamento, até a



avaliação da implementação das sessões de leitura.

RESULTADOS

Nessa etapa dos resultados trouxemos alguns dados de fala que são reveladores dos conceitos e compreensões desenvolvidas pelos alunos sobre o entendimento do que vem a ser a poesia e a leitura e discussão dos textos *Auto-Retrato* e *Escova* de Manoel de Barros. Transcrevemos os dados numerados na ordem que eles aparecem nos corpora originais, tentando manter a máxima coerência do todo. Para efeito da leitura proficiente dos dados é importante saber o significado de alguns sinais gráficos e abreviações utilizados nas transcrições, são eles:

Quadro I – Sinais gráficos e abreviações utilizados na transcrição

A – Aluno participante	(()) – Comentários contextuais da pesquisadora
PP – professora pesquisadora	() – informações contextuais da fala dos sujeitos participantes.
PT – professora titular da turma	[...] – supressão de turnos de fala.
TT – Toda a turma	::: – Alongamento de vogal
? – Perguntas; questionamentos.	(+) – Pausas breves
“ ” – Ênfase de um determinado trecho de fala.	

A primeira sessão de leitura ocorreu no dia 03 de junho de 2016, a professora pesquisadora organizou a roda de leitura e explicou as motivações daquele encontro literário. O primeiro diálogo ocorreu em torno da questão da tentativa de conceituar a poesia:

Quadro II - O que é a poesia?

- (01) **PP:** [...] Eu gostaria de saber vocês quem sabem o que é poesia e qual a sua serventia?
- (02) **Beatriz:** É um texto que pode emocionar as pessoas, é um texto que tem rimas, faz a gente lembrar de coisas especiais.
- (09) **PP:** Mas alguém sabe alguma coisa sobre a poesia?
- (10) **Rebeca:** É uma coisa que a gente pode dar de presente para as outras.
- (12) **Rebeca:** Pode ser uma poesia de amor.
- (13) **Beatriz:** Pode dar de presente de natal.
- (15) **PP:** Vocês concordam que a gente pode dar a poesia de presente?
- (16) **TT (em coro):** Sim! Concordamos.
- (21) **PP:** E vocês sabem alguma poesia decorada? Algum versinho decorado?



- (35) **PP:** Eu vou entregar os cartõezinhos para vocês. Para vocês criarem um versinho. Esta bem!
- (58) ((Depois de 15 minutos)) **PP:** Meninos, meninos! Olha só! Vamos refazer a roda e eu quero chamar a aluna [...] para apresentar comigo os poemas que vocês escreveram [...]
- (110) **PP:** Olha! Eu vou escolher aqui outro poema que fizemos hoje, vou chamar (+) deixa eu ver, Lúcia vem ler para nós o seu poema.
- (111) **PP:** Lúcia vai ler os versinhos que ela fez para gente.
- (112) **A:** Nah! Eu vou cantar.
- (115) **A:** (Coloca a mão no rosto, tira e começa a recitar): Agora se sair de amarok/ Eu bebendo gela, tomando círoc/ Bebendo na balada/ Só bebendo círok/ E você de bobeira sem ninguém na geladeira.
- (116) **PT:** ((Passa a mão no queixo, abismada, balbucia “ Meu Deus”. E, prende a fala com a mão)).
- (117) **PP:** Aeh! Ela criou um versinho da música, não foi [...]
- (142) **PP:** Vou ler outro poema que vocês criaram [...]
- (143) **PP:** Hoje é meu dia/ Hoje é dia de festejar com os amigos/ Eu vou está sorrindo/Sentindo-me melhor/ Não poderia está hoje/ A noite da cinderela com o meu nome Larissa Manoela todos cantam parabéns/ E entre nessa você também ((Texto transcrito com adaptações))

Quadro III - Leitura do poema Auto-Retrato

- (04) **PP:** O poema que a gente vai ler hoje se chama Auto-retrato.
- (05) **PP:** O que vocês pensam quando escutam essa palavra autorretrato?
- (06) **A:** É algo para desenhar a si mesmo.
- (08) **PP:** Vocês já fizeram um autorretrato?
- (09) **A:** Eu já
- (10) **A:** A gente desenha a gente mesmo.
- (11) **A:** Do jeito que a gente é.
- (14) **A:** É quando a gente faz o retrato de nós mesmos do ombro pra cima.
- (15) **PP:** Certo! Mas, será que a gente pode se autorretratar com palavras?
- (16) **A:** Pode.
- (17) **PP:** Como?
- (18) **A:** Dizendo como a gente é.
- (19) **PP:** Pois é justamente isso que Manoel de Barros vai fazer. Ele vai se retratar-se um pouco.
- (20) **PP:** O que vocês pensam que Manoel de Barros vai falar sobre ele?
- (21) **A:** Como ele é.
- (22) **A:** Como ele fez os livros.

Fonte: Dados das transcrições das sessões de leitura realizadas pela pesquisadora.



Quadro IV- Leitura do Poema Escova

- (01) **PP:** Bom dia, Meninos! O poema que nós vamos ler hoje de Manoel de Barros se chama escova.
- (02) **PP:** O que vocês pensam que um poema chamado escova vai falar?
- (03) **A:** Vai falar de escovar os cabelos.
- (04) **A:** Escovar os dentes.
- (06) **A:** Escovar o pelo do cachorro ((+)) Escovar o pelo do cachorro.
- (07) **PP:** Vocês pensam que a escova de Manoel de Barros deve ser uma escova comum?
- (08) **A:** Não.
- (09) **A:** Deve ser uma escova do pensamento assim ::: uma escova que era muito bonita.
- (10) **A:** Uma escova poética.
- (11) **PP:** Uma escova poética. Você já viu uma escova poética?
- (12) **A:** ((em coro)) Não.
- (13) **PP:** Não viram uma escova poética. Como é que vocês imaginam que deve ser uma escova poética?
- (14) **A:** Um escova que quando passa ela, vira um poema.
- (15) **A:** E o que acontece se a gente passar essa escova no cabelo?
- (16) **PP:** Como?
- (17) **A:** Se a gente passar no papel virá um poema e se a gente passar no cabelo vai acontecer o quê?
- (18) **PP:** Quem sabe. A escova de Manoel de Barros pode ser bem diferente, não é isso.
- (19) **PP:** Vamos ler o poema agora para ver se nossas ideias se confirmam. ((Leitura do poema))
- (20) **A:** Uma escova que faz poesia.
- (21) **PP:** Vocês tem uma escova que faz poesia?
- (22) **A:** Não.
- (23) **PP:** E dentro da nossa cabecinha, será que tem uma escova que faz poesia?
- (24) **A:** Tem , tem, ah ::: A criatividade.
- (25) **PP:** O que seria então para Manoel esse escovar palavras?
- (26) **A:** Eu acho que é inventar palavras

Fonte: Dados das transcrições das sessões de leitura realizadas pela pesquisadora.

DISCUSSÃO

A análise das sessões de leitura é reveladora de alguns aspectos que demonstram a eficácia da metodologia do andaime, uma vez que as perguntas favorecem a melhor compreensão do texto e a evocação dos conhecimentos prévios dos alunos. A experiência de leitura também demonstrou a grande responsabilidade do professor mediador em formar e propiciar o encontro do educando com a poesia. Em nosso primeiro encontro com a turma do terceiro ano perguntamos se eles sabiam o



que era a poesia e qual era a sua serventia. Uma das alunas respondeu a esse questionamento com uma articulação discursiva mediada pelo saber didático: “É um texto que pode emocionar as pessoas, é um texto que tem rimas, faz a gente lembrar de coisas especiais”. (Beatriz). Em sua resposta percebemos um conceito que ultrapassa a organização estrutural do gênero e toca na capacidade de sensibilizar da palavra.

[...] a palavra do poema não são pura e simplesmente pedra, cor [...] encara algo que transcende e transpassa. Sem perder seus valores primários, seu peso original, são também pontes que nos levam a outra margem, portas que se abrem para outro mundo de significados inexprimíveis pela mera linguagem. Ser ambivalente, a palavra poética é plenamente o que é – ritmo, cor, significado – e também é outra coisa: imagem. (PAZ, 2014, p.30).

Entre os atos de fala de número 10 ao número 16 da primeira sessão, podemos perceber uma estética dominante, pois os alunos argumentam que a poesia pode servir como um presente, colocando uma dimensão da poesia como presença, algo que preenche e ocupa um lugar no ser, que o gratifica. Sendo assim, podemos perceber que as crianças dessa turma apontam já dominarem ou serem capazes de criar um conceito para a poesia que vai além do seu aspecto estrutural.

[...] a função da estética como disciplina autônoma significa o domínio da sensibilidade torna-se objeto de reflexão [...] Reconhece-se que a intuição, a imaginação, a sensualidade, até mesmo a paixão podem dar acesso a um conhecimento [...] Trata-se, sobretudo, de procurar a harmonia entre a sensibilidade, a paixão e a razão, de conciliar o dualismo fundamental do homem construído de natureza e cultura. (JIMENEZ, 2008, p.23-24).

Na primeira sessão a atividade de produção de textos poéticos ou rememoração de poesias conhecidas, foi reveladora da capacidade evocativa de tocar os sentimentos das palavras encontradas nas canções. Apesar da reação de espanto da professora, com a atitude da aluna de encontrar na música “Camarote” do compositor Neto Barros e Jota Reis, interpretada por Wesley Safadão (nome artístico) um indicativo de poesia. Podemos assegurar que mesmo não sendo o padrão clássico daquilo que esperamos como repertório para nossos aprendizes, a letra da música desse autor é uma sátira moderna. Observem:

CAMAROTE

Como é que você ainda tem coragem de falar comigo?
Além de não ter coração, não tem juízo
Fez o que fez e vem me pedir pra voltar

Você não merece 1% do amor que eu te dei
Jogou nossa história em um poço sem fundo
Destruiu os sonhos que um dia eu sonhei
Quer saber? Palmas pra você!
Você merece o título de pior mulher do mundo

Agora assista aí de camarote
Eu bebendo gela, tomando Círoc
Curtindo na balada, só dando virote
E você de bobeira sem ninguém na geladeira (Refrão)
(Wesley Safadão)

CANTIGA Nº 203

Ai, dona fea, foste-vos queixar
que vos nunca louv(o) em meu cantar
mais ora quero fazer um cantar



em que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, se Deus mi pardon,
pois avedes (a) tan gran coraçõn

que vos eu loe, en esta razon
vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçõn
dona fea, velha e sandia! [...]

(Joan Garcia Guilhade)

A canção moderna e a catinga medieval fazem uma crítica a uma mulher que se nega a cumprir os ritos propostos do amor cortez. Ainda na mesma sessão de leitura o ato de fala (143), é motivado por uma canção infanto-juvenil chamada *Hoje é o Meu Dia*, de autoria da atriz Larissa Manoela. Podemos observar que o repertório desses alunos para identificar indícios de poesias está permeado por gêneros populares do cotidiano como as canções vulgares, ou no caso da última fala, tem por base uma canção apresentada em uma novela da televisão aberta chamada *Cúmplices de um Resgate* (2016).

Esses dados iniciais revelam que apesar dos alunos já terem contato com os textos clássicos da literatura, no momento em que são solicitados a demonstrarem o seu real conhecimento sobre o gênero poema, eles evocam da memória repertórios do seu dia a dia e que diferem dos saberes curriculares.

Na segunda sessão de leitura ao discutirmos o poema *Auto-retrato*, os alunos evocaram alguns dados com base nas explicações dadas pela professora mediadora em um momento precedente a leitura. Nessa discussão percebemos que a criação de hipóteses circunscreveu o campo semântico do signo 'auto-retrato', que foi tendo seu significado metafórico ampliado das experiências com o gênero autorretrato para a ação de retratar a si mesmo com palavras em um texto de natureza poética.

Por fim, na terceira sessão de leitura já podemos perceber um avanço na compreensão da poesia como um campo do saber que faz parte de um trabalho criativo do poeta que lança uma ideia organizada para o leitor repensar a palavra escrita. Nesta sessão é perceptível, também, que as crianças para interpretação do léxico 'escova' como atividade do pensar partiram de uma contextualização literal para um campo metafórico e diversificado de significação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do quadro exposto, a pesquisa, em andamento, tem se mostrado profícua, pois os dados encontrados demonstram que os aprendizes conseguem assimilar uma poeticidade dos ritornelos do cotidiano, porém revela o quanto maior deve ser o esforço dos professores em prover



repertórios de leitura aos seus alunos. Temos o dever de levar as crianças a ter contato com uma poesia em que estejam representados seus anseios e experiências de vida.

Mas também devemos proporcionar-lhe leituras desafiadoras que possam colaborar para que se tornem leitores mais exigentes, pois nem sempre é bom respeitar o gosto, uma vez que a pesquisa demonstrou que os nossos gostos e os dos nossos alunos estão impregnados das facilidades que a sociedade de consumo nos impõe.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola**. São Paulo: editora Livraria da Física, 2013.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1968.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BRASÍLIA. **Avaliação da Alfabetização nacional 2014**. Disponível em: https://avaliacaoeducacional.files.wordpress.com/2015/09/apresentacao_ana_15.pdf. Acessado em: 21 de janeiro de 2016.

BRUNNER, Jerome. **Realidade Mental, Mundos Possíveis**. Tra. Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médica, 1997.

GRAVES, Michel F. GRAVES, BONNIE B. **The Scaffolded Reading Experience: a Flexible Framework for Helping Students Get the Most out Text**. In: Reading, UK: Blackwell Publishers e The United Kingdom Reading Association. V. 29, n.1, Apr. 1995. P.29-34.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: Colocações Gerais. In: **A Literatura e o Leitor: Textos da Estética da Recepção**. Coord. e Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JIMENEZ, Marc. **O que é Estética?** . Trad. Fulvia M.L. Moretto. Rio Grande do Sul: Ed. Unisinos, 1999.

LAPA, Manoel Rodrigues. **Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-portugueses**. Vigo: Galáxia, 1970, p.312.

LIMA, Aldo. **Metáfora e Cognição**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo; Cosacnaify, 2014, 2. Ed. Fondo de Cultura Económica.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2013.